

UMA CARTA DE GEORGE
WHITEFIELD A JOHN
WESLEY SOBRE A
DOCTRINA DA

ELEIÇÃO



GEORGE WHITEFIELD (1714-1770)

UMA CARTA DE GEORGE WHITEFIELD A JOHN WESLEY SOBRE A DOCTRINA DA ELEIÇÃO

Sumário

Prefácio.....	3
Introdução.....	5
1. Toda a Pregação aos Eleitos é Vã ou Inútil?	9
2. Ela Destrói a Santidade e as Ordenanças de Deus?.....	10
3. Isto Destrói Consolos e Felicidade?.....	12
4. Há Milhares e Milhões de Homens sem Culpa Condenados ao Fogo Eterno?	17
5. Isto Subverterá a Totalidade da Religião Cristã?.....	18

Traduzido do original em Inglês: *Whitefield's Letter To Wesley On Election*
Via: ChapelLibrary.org • © Copyright 1999 Chapel Library

Tradução e Capa por Camila Almeida
Revisão e por William Teixeira

1ª Edição: Janeiro de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão de Chapel Library (ChapelLibrary.org), um ministério de Mount Zion Bible Church, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

CHAPEL LIBRARY
www.ChapelLibrary.org

Uma Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição

Prefácio

Estou muito bem ciente de que diferentes efeitos esta publicação da presente carta contra o sermão do querido Sr. Wesley produzirá. Muitos dos meus amigos que são árduos defensores da redenção universal serão imediatamente ofendidos. Muitos dos que são zelosos, do outro lado serão muito alegrados. Aqueles que são mornos, em ambos os lados, e são levados por raciocínio carnal, desejarão que esse assunto nunca tivesse sido trazido em debate. As razões pelas quais iniciei a carta, eu acho que são suficientes para corresponder a toda a minha conduta aqui. Desejo, portanto, que aqueles que sustentam a eleição não queiram triunfar, ou fazer uma festa, de um lado (pois eu detesto tal coisa) e que aqueles que têm preconceito contra esta doutrina, não sejam tão ofendidos, por outro lado. Conhecidos de Deus são todos os Seus caminhos, desde o início do mundo. O grande dia desvelará por que o Senhor permite que o caro Sr. Wesley e eu tenhamos uma maneira diferente de pensar. No momento, eu não farei nenhuma investigação sobre esse assunto, além do relato que ele mesmo deu sobre isso na seguinte carta, que recentemente recebi de suas próprias mãos queridas:

Meu querido irmão, eu agradeço por você, 24 de Maio. O caso é bastante simples. Há fanáticos, tanto pela predestinação e contra ela. Deus está enviando uma mensagem para aqueles, em ambos os lados. Mas também não a receberão, a não ser da parte de alguém que seja de sua própria opinião. Portanto, por um momento, você sofre por ser de uma opinião, e eu de outra. Mas quando Seu tempo chegar, Deus fará o que o homem não pode, ou seja, nos fará de uma mente. Então, a perseguição se extinguirá, e será visto se nós consideramos as nossas vidas queridas para nós mesmos, assim, que possamos terminar nossa jornada com júbilo. Eu sou, meu queridíssimo irmão, — sempre seu, *John Wesley*.

Assim meu honrado amigo, eu sinceramente peço a Deus que apresse o tempo, sendo por Ele claramente iluminado, em todas as doutrinas da revelação Divina, para que possamos, assim, estar estreitamente unidos em princípio e julgamento, bem como em coração e afeição. E então, se o Senhor nos chamou para isso, eu não me

importo se eu for com ele para a prisão ou à morte. Pois, como Paulo e Silas, espero que cantemos louvores a Deus, e consideremos isso a nossa maior honra: sofrer por amor de Cristo, e dar a nossa vida pelos irmãos.

— *George Whitefield*, Londres, 09 de agosto de 1740.

Carta de Whitefield para Wesley Sobre a Doutrina da Eleição

“E, chegando Pedro à Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível.” (Gálatas 2:11)

Introdução

Reverendo e mui querido irmão,

Somente Deus sabe a indizível tristeza de coração que eu senti por sua causa desde que eu deixei a Inglaterra pela última vez. Quer seja debilidade minha, ou não, eu francamente confesso que Jonas não poderia ir com mais relutância contra Nínive, do que eu agora tomo a pena na mão para escrever contra você. Foi essencial falar, eu preferiria morrer a fazê-lo; e, ainda assim, se eu sou fiel a Deus, e a mim mesmo e às almas dos outros, eu não de-vo permanecer neutro por mais tempo. Estou muito apreensivo de que nossos adversários comuns se regozijarão ao verem diferenças entre nós mesmos. Mas o que eu posso dizer? Os filhos de Deus estão em perigo de cair em erro! Não, muitos foram enganados, a quem Deus tem se agrada de operar sobre o meu ministério, e um número maior ainda está clamando em voz alta sobre mim, para que eu expresse também a minha opinião. Devo então mostrar, que eu não conheço nenhum homem segundo a carne, e que eu não tenho respeito às pessoas, além do que é consistente com o meu dever para com o meu Senhor e Mestre, Jesus Cristo.

Esta carta, sem dúvida, me fará perder muitos amigos, e por este motivo, talvez, Deus colo-cou essa difícil tarefa sobre mim, mesmo para ver se eu estou disposto a abandonar tudo por Ele, ou não. A partir de tais considerações como estas, eu acho que é o meu dever sus-tentar um testemunho humilde, e sinceramente pleitear as verdades das quais estou con-venido serem claramente reveladas na Palavra de Deus. Na defesa das quais eu devo usar da maior simplicidade no falar, e tratar meus mais queridos amigos sobre a terra com a maior simplicidade, fidelidade e liberdade, deixando as consequências de tudo a Deus.

Por algum tempo antes, e especialmente desde a minha última partida da Inglaterra, tanto em público e privado, através da pregação e impressão, você tem propagado a doutrina da redenção universal. E quando eu me lembro de como Paulo repreendeu Pedro por sua dissimulação (Gálatas 2:11), temo que eu tenha permanecido pecaminosamente em silêncio por muito tempo. Oh, então, não fique

com raiva de mim, querido e honrado senhor, se agora eu entrego a minha alma, dizendo-lhe que eu o considero nisto grandemente errado.

Não é meu plano adentrar em um longo debate sobre os decretos de Deus. Refiro-me ao Dr. Edwards, seu *Veritas Redux*, que eu acho que é incontestável, exceto em um certo ponto, sobre uma espécie intermediária entre eleitos e réprobos, que ele mesmo efetivamente condena depois.

Eu apenas farei algumas observações sobre o seu sermão, intitulado “Livre Graça”. E antes que eu entre no discurso em si, permita-me tomar uma pequena nota de que, em seu prefácio, você expressa uma obrigação indispensável para torná-lo público para todo o mundo. Eu devo confessar que eu sempre pensei que você estava muito enganado sobre aquele ponto. O caso (você sabe) permanece assim: quando você estava em Bristol, eu acho que você recebeu uma carta de uma mão secreta, ordenando-lhe a não pregar o Evangelho, porque você não pregava a eleição. Sobre isso, você tomou partido: a resposta foi “pregar e imprimir”. Tenho muitas vezes questionado, como eu faço agora, se ao fazê-lo, você não tentou o Senhor. Um oportuno exercício de prudência religiosa, sem uma sorte, o teria conduzido nesse assunto. Além disso, eu nunca ouvi falar que você consultou a Deus, se a eleição era ou não uma doutrina evangélica. Mas temo que, considerando isto como certo que não era, você só perguntou se deveria ficar em silêncio, ou pregar e imprimir contra ela. Seja isso o que for, a sorte saiu “pregar e imprimir”; conseqüentemente, você pregou e imprimiu contra a eleição. A meu desejo, você suprimiu a publicação do sermão, enquanto eu estava na Inglaterra; mas logo o enviou ao mundo após a minha partida. Oh, que você o mantivesse guardado! No entanto, se esse sermão foi impresso em resposta a uma sorte, estou apto a pensar uma razão pela qual Deus deve fazer com que você esteja enganado, por isso, uma obrigação especial pode ser colocada sobre mim, para fielmente declarar a doutrina bíblica da eleição, para que assim o Senhor possa me dar uma nova oportunidade de ver o que estava em meu coração, e se eu seria fiel à sua causa ou não, como você não poderia admitir. Ele fez uma vez, anteriormente, dando-lhe um outra tal sorte em Deal. Na manhã em que eu parti de Deal para Gibraltar [1 de Fevereiro de 1738], você chegou da Geórgia. Em vez de conceder-me a oportunidade de conversar com você, apesar de que o navio não estava muito longe da costa, você lançou uma sorte, e imediatamente seguiu em direção a Londres. Você deixou uma carta para atrás, na qual havia palavras para esse efeito: “Quando eu vi a Deus, pelo vento que o levou para fora, trazido a mim, pedi conselho de Deus. Sua resposta você a tem lacrada”. Isto era um pedaço de papel, em que foram escritas estas palavras: “Faça-o voltar para Londres”.

Quando recebi isto, fiquei um pouco surpreso. Aqui estava um bom homem me dizendo que ele havia lançado uma sorte, e que Deus queria que eu voltasse para Londres. Por outro lado, eu sabia que o meu chamado era para a Geórgia, e que eu havia partido de Londres, e não conseguiria justamente sair dos soldados que estavam comprometidos com o meu encargo. Dirigi-me, com um amigo, em oração. Aquela passagem no primeiro Livro de Reis, Capítulo 13, foi fortemente impressa em minha alma, onde nos é dito que o profeta que foi morto por um leão foi tentado a voltar devido a outro profeta dizer-lhe que Deus queria que ele fizesse isso [mesmo que fosse contrário à ordem expressa de Deus]. Eu escrevi-lhe a palavra que eu não poderia voltar para Londres. Nós navegamos imedia-tamente. Alguns meses depois, recebi uma carta sua na Geórgia, onde você escreveu pala-vras para esse efeito: “Ainda que Deus nunca houvesse me dado antes uma sorte errada, ainda assim, talvez, Ele me deixou ter tal sorte naquela época, para provar o que estava em seu coração”. Eu nunca deveria ter publicado esta conversa particular para o mundo, não houvesse a glória de Deus me convocado a isso. É claro que você tinha uma sorte errada concedida a você aqui, e com justiça, porque tentou a Deus na elaboração de uma, e assim, eu acredito que é no presente caso. E se assim for, não faça com que os filhos de Deus, que são meus e seus amigos íntimos, e também partidários da redenção universal, pensem que a doutrina é verdadeira, porque você a pregou em conformidade a uma sorte concedida da parte de Deus!

Isso, eu penso, pode servir como uma resposta a essa parte do prefácio em seu sermão impresso, onde você diz: “nada, senão a mais forte convicção, não apenas de que o que é aqui desenvolvido é a verdade como está em Jesus, mas também estou indispensavelmente obrigado a declarar essa verdade para todo o mundo”. Que você creia que o que você es-creveu seja a verdade, e que você honestamente vise a glória de Deus por ter escrito, eu não tenho a menor dúvida. Mas então, honrado senhor, não posso deixar de pensar que você tem sido muito enganado, ao imaginar que sua tentação a Deus, lançando uma sorte da maneira que você fez, poderia colocar-lhe sob a obrigação indispensável a respeito de qualquer ação, muito menos para publicar seu sermão contra a doutrina da predestinação para a vida.

Devo observar, a seguir, que como você foi infeliz ao imprimir, em absoluto, sob tal manda-do imaginário, assim você foi infeliz na escolha de seu texto. Honrado senhor, como poderia entrar em seu coração o escolher um texto para refutar a doutrina da eleição a partir do Capítulo 8 de Romanos, onde esta doutrina é tão claramente afirmada. Uma vez que, ao falar com um Quaker sobre este assunto, ele não teve outra

maneira de fugir à força da afirmação do apóstolo, do que dizendo: “Creio que Paulo estava errado”. E um outro amigo, ultimamente, que já foi altamente preconceituoso contra a eleição, ingenuamente confessou: “que ele costumava pensar que o próprio São Paulo estava enganado, ou que ele não era corretamente traduzido”.

Na verdade, honrado senhor, é claro, além de toda a contradição, que São Paulo, através de todo o oitavo [Capítulo] de Romanos, está falando dos privilégios apenas daqueles que estão realmente em Cristo. E deixe que qualquer pessoa sem preconceitos leia o que vem antes e o que segue o seu texto, e ele deve confessar que a palavra “todos” significa apenas aqueles que estão em Cristo; e a última parte do texto claramente prova, o que, eu creio, caro Sr. Wesley não cederá de maneira alguma. Quero dizer, a perseverança final dos filhos de Deus. “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós [isto é, todos os santos], como nos não dará também com ele todas as coisas?” (Roma-nos 8:32). Graça, em particular, para nos capacitar a perseverar, e tudo o mais necessário para nos conduzir para casa, para o reino celestial de nosso Pai.

Tivesse alguém uma mente para provar a doutrina da eleição, bem como a perseverança final, ele dificilmente poderia desejar um texto mais apropriado para o seu propósito do que aquele que você escolheu para refutá-la. Aquele que não o conhece, suspeitaria se você mesmo era consciente disso: pois, após o primeiro parágrafo, eu mal sabia se você o havia mencionado isto tal como outrora, através de todo o seu sermão.

Mas o seu discurso, em minha opinião, é tão pequeno para o propósito quanto o seu texto, e em vez de distorcer, faz apenas mais e mais confirmar-me na crença da doutrina da eleição eterna de Deus.

Não mencionarei quão illogicamente você procedeu. Se você tivesse escrito claramente, você deveria primeiro, honrado senhor, ter provado a sua proposição: “que a graça de Deus é livre para todos”. E, a seguir, por meio de inferência, exclamado contra o que vocês chamam de terrível decreto. Mas você sabia que as pessoas (porque o Arminianismo, ultimamente, tem abundado tanto entre nós) eram geralmente preconceituosas contra a doutrina da reprovção, e, portanto, pensei que se você mantivesse a sua antipatia por ela, você derrubaria a doutrina da eleição inteiramente. Pois, sem dúvida, as doutrinas da eleição e da reprovção devem permanecer ou cair juntas.

Mas, passando por isso, como também a sua definição equivocada da palavra “graça”, e a sua falsa definição da palavra “livre”, e para que eu possa ser o mais breve possível, eu francamente reconheço, eu acredito na doutrina da reprovção, neste ponto de vista: que Deus intenciona

conceder graça, através de Jesus Cristo, apenas para um determinado número, e que o restante da humanidade, depois da Queda de Adão, sendo justamente deixado por Deus a continuar no pecado, finalmente sofrerá aquela morte eterna, que é o seu salário apropriado (Romanos 6:23). Esta é a estabelecida doutrina da Escritura, e reconhecida como tal Septuagésimo artigo da Igreja da Inglaterra, como o próprio Bispo Burnet confessa. Ainda assim, o querido Sr. Wesley absolutamente a nega!

Mas as objeções mais importantes, que você instigou contra esta doutrina como as razões pelas quais você a rejeita, sendo seriamente consideradas e fielmente provadas pela Palavra de Deus, parecem, absolutamente, não possuir nenhuma força. Permita que o assunto seja humilde e calmamente revisto, como nos seguintes princípios.

1. Toda a Pregação aos Eleitos é Vã ou Inútil?

Em primeiro lugar, você diz, “se isto é assim [ou seja, se há uma eleição de Deus], então pregar é totalmente vão. É desnecessário para os que são eleitos, pois eles, seja com ou sem a pregação, infalivelmente serão salvos. Portanto, a finalidade de pregar para salvar almas é nula no que diz respeito a eles. E, é inútil para os que não são eleitos, pois eles não podem ser salvos, eles, seja com ou sem a pregação, infalivelmente serão condenados. A finalidade da pregação é, portanto, nula semelhantemente em relação a eles. De modo que em ambos os casos a nossa pregação é vã, e sua audição também é vã” (página 10, parágrafo 9).

Ó caro senhor, que tipo de raciocínio, ou melhor, de sofisma, é este! Deus, Quem indicou a salvação a um certo número, também não indicou a pregação da Palavra, como um meio de trazê-los a isso? Será que alguém sustenta a eleição em qualquer outro sentido? E se assim, como a pregação é inútil para aqueles que são eleitos, quando o Evangelho é desig-nado pelo próprio Deus para ser o poder de Deus para a salvação eterna deles? E desde que nós não sabemos quem são eleitos e quem são os réprobos, devemos pregar sem distinção a todos. Pois, a Palavra pode ser útil até mesmo para os não-eleitos, ao restringi-los de tanta impiedade e do pecado. No entanto, é suficiente exercitar a máxima diligência na pregação e audição, quando consideramos que por estes meios, alguns, mesmo, a todos quantos o Senhor tem ordenado para a vida eterna, devem certamente ser vivificados e habilitados a crer. E aquele que atende, especialmente com reverência e cautela, porventura, não pode dizer que ele pode ser encontrado dentre o bem-aventurado número?

2. Ela Destrói a Santidade e as Ordenanças de Deus?

Em segundo lugar, você diz, “que ela [a doutrina da eleição e reprovação] diretamente tende a destruir a santidade, que é o fim de todas as ordenanças de Deus”. Pois, diz o querido enganado Sr. Wesley, “são totalmente retirados aqueles primeiros motivos para seguir a ela, tão frequentemente proposto nas Escrituras. A esperança da recompensa futura, e temor da punição, a esperança do céu e o temor do inferno, etc.”.

Eu pensei que aquele que conduz a perfeição, a tal alto nível, como o caro Sr. Wesley o faz, saberia que um verdadeiro amante do Senhor Jesus Cristo esforça-se para ser santo, por amor de ser santo, e trabalha para Cristo, por amor e gratidão, sem qualquer relação com as recompensas do céu ou com o medo do inferno. Você se lembra, meu caro senhor, o que Scougal diz: “O amor é o motivo mais poderoso que os impulsiona”. Mas passando por isso, e admitindo que recompensas e punições (como certamente o são) podem ser motivos a partir dos quais um Cristão seja honestamente compelido a agir para Deus, como é que a doutrina da eleição destrói esses motivos? Os eleitos não sabem que quanto mais boas obras eles fizerem, maior será o seu galardão? E não é este incentivo o suficiente para firmá-los, e levá-los a perseverar em trabalhar para Jesus Cristo? E como é que a doutrina da eleição destrói a santidade? Quem mais pregou qualquer outra eleição além da que o apóstolo pregou, quando ele disse: “Elegido [...] em santificação do Espírito, e fé da verdade” (2 Tessalonicenses 2:13). Não, não é a santidade feita uma marca de nossa eleição por todos que a pregam? E como pode, então, a doutrina da eleição destruir a santidade?

O exemplo que você traz para ilustrar sua afirmação, de fato, meu caro senhor, é muito impertinente. Pois você diz: “Se um homem doente sabe que ele deve inevitavelmente morrer ou inevitavelmente recuperar-se, embora ele não saiba o que, não é razoável tomar qualquer medicamento, em absoluto”. Caro senhor, que raciocínio absurdo é feito aqui? Você esteve alguma vez doente em toda a sua vida? Se assim for, a mera probabilidade ou possibilidade de sua recuperação, embora você saiba que era inalteravelmente fixo que você deva viver ou morrer, não o encorajaria a tomar o remédio? Pois, como você saberia se, porventura, o próprio medicamento não fosse o meio de Deus destinado a recuperá-lo? Exatamente assim é com a doutrina da eleição. Eu sei que está inalteravelmente estabelecido, pode alguém dizer, que eu devo ser condenado ou salvo; mas desde que eu não sei, com certeza, por que eu não me esforçaria, embora no momento em um estado natural, já que eu não sei, senão que esse esforço pode ser o meio que Deus tenha a

intenção de abençoar, a fim de me pôr em um estado de graça? Caro senhor, considere estas coisas. Faça uma aplicação imparcial e, em seguida, julgue que pouca razão você tinha para concluir o décimo parágrafo, página 12, com estas palavras: “Então esta doutrina diretamente tende a fechar a própria porta da santidade em geral, impedir os homens profanos de alguma vez se aproximarem dela, ou se esforçarem para entrar por ela”.

“Como diretamente”, você diz, “a doutrina tende a destruir vários ramos particulares da santidade, como mansidão, amor, etc.”. Eu devo dizer pouco, querido senhor, em resposta a este parágrafo. O prezado Sr. Wesley talvez tenha disputado com alguns homens mornos de espírito estreito que sustentavam a eleição, e então, infere que a sua mornidão e estreiteza de espírito eram devidas aos seus princípios? Mas o caro Sr. Wesley não conhece muitos filhos amados de Deus que são predestinarianos, e que ainda assim, são mansos, humildes, piedosos, corteses, compassivos, amáveis, de um espírito universal, e que esperam ver o mais vil e devasso dos homens convertido? E por quê? Porque eles sabem que Deus os salvou por um ato de Seu amor eletivo, e eles não conhecem nada, senão que Ele pode ter elegido aqueles que agora parecem ser os mais perdidos. Mas, meu caro senhor, não devemos julgar a verdade dos princípios, em geral, nem este da eleição em particular, inteiramente a partir da prática de alguns que professam sustentá-los. Se assim for, tenho certeza que muito pode ser dito contra o seu próprio. Pois eu apelo para o seu próprio coração, se você sentiu ou não em si mesmo, ou observou em outros, um espírito estreito, e alguma desunião de alma, em relação àqueles que sustentam a redenção universal. Se assim for, então de acordo com sua própria regra, a redenção universal está errada, porque destrói vários ramos da santidade, como mansidão, amor, etc. Mas para não insistir nisso, peço-lhe que observe, que a sua inferência é inteiramente posta de lado pela força do argumento do apóstolo, e da linguagem que ele expressamente utiliza em Colossenses 3:12-13: “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; Suportando-vos uns aos outros, e perdoados uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também”. Aqui vemos que o apóstolo os exorta a revestirem-se de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade e etc. sobre esta consideração, a saber, porque eles eram eleitos de Deus. E todos os que experimentalmente sentiram essa doutrina em seus corações, encontram que essas graças são os efeitos genuínos de serem eleitos de Deus.

Mas, talvez, o querido Sr. Wesley pode estar enganado neste ponto, ao chamar de paixão, o que é apenas zelo pelas verdades de Deus. Você sabe, meu caro senhor, o apóstolo nos exorta “a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Judas 1:3), e, portanto, você não deve condenar todo aquele que parece zeloso da doutrina da eleição, como estreito de espírito ou perseguidor, porque eles acham que é dever deles se opor a você. Tenho a certeza de que eu te amo nas entranhas de Jesus Cristo, e acho que eu poderia dar a minha vida por sua causa. Mas, ainda assim, meu caro senhor, eu não posso ajudar tenazmente a oposição de seus erros sobre este importante assunto, porque eu penso que você calorosamente, embora não intencionalmente, se oponha à verdade, como está em Jesus. Que o Senhor remova as escamas de preconceito dos olhos de seu espírito, e lhe conceda um zelo de acordo com o verdadeiro conhecimento Cristão!

3. Isto Destrói Consolos e Felicidade?

Em terceiro lugar, diz seu sermão: “Esta doutrina tende a destruir os consolos da religião, a felicidade do Cristianismo, etc.”.

A experiência real

Mas, como é que o Sr. Wesley sabe disso, alguém é que nunca acreditou na eleição? Eu acredito que aqueles que já passaram por isso concordarão com o nosso Artigo XVII:

“Que a piedosa consideração da predestinação e eleição em Cristo, é plena de doçura, deleite e conforto indescritível para pessoas piedosas, e tal como sentem em si mes-mas o operar do Espírito de Cristo, mortificando as obras da carne, e seus membros terrenos, e inclinando os seus espíritos às coisas altas e elevadas, bem como porque isso grandemente estabelece e confirma a sua fé e salvação eterna, a ser desfrutada por meio de Cristo, por esta causa veemente arde o seu amor em direção a Deus, etc.”

Isso claramente demonstra que os nossos reformadores piedosos não pensaram que a eleição destrói a santidade, ou o consolo da religião. Quanto a mim, esta doutrina é o meu apoio diário: Eu totalmente afundaria sob o temor de minhas iminentes tribulações se eu não estivesse firmemente persuadido que Deus me escolheu em Cristo antes da fundação do mundo; e que agora sendo eficazmente chamado, Ele não permitirá que ninguém me arrebate de Sua mão onipotente.

Consolo

Você prossegue assim: “Isso é evidente como a todos aqueles que acreditam ser reprovados, ou apenas suspeitam ou temem isso; todas as

grandes e preciosas promessas estão perdidas para eles; elas não lhes fornecem nenhum raio de consolo”.

Em resposta a isso, deixe-me observar, que nenhum vivificado, especialmente ninguém que é desejoso por salvação, pode conceber que eles não são do número dos eleitos de Deus. Ninguém, senão o não-convertido pode ter qualquer motivo justo ao ponto de temer isso. E, caro Sr. Wesley, daria consolo, ou se atreveria a aplicar as preciosas promessas do Evangelho, sendo o pão dos filhos, para os homens em um estado natural, enquanto eles continuam assim? Deus me livre! E, se a doutrina da eleição e reprovação suscita algu-ma dúvida? Assim ocorre com a da regeneração. Mas, não é esta dúvida um bom meio pa-ra instá-los a investigar e se esforçar; e esta luta, um bom meio para fazer firme a sua vocação e sua eleição? Esta é uma razão, entre muitas outras, pelo que eu admiro a dou-trina da eleição, e estou convencido de que ela deve ter um lugar na ministração do Evan-gelho, e deve ser apregoada com fidelidade e cautela. Ela apresenta uma tendência natural para elevar a alma de sua segurança carnal. E, portanto, muitos homens carnis clamam contra ela. Enquanto que a redenção universal é uma noção tristemente adaptada para manter a alma em sua condição de sono letárgico, e, portanto, muitos homens naturais a admiram e a aplaudem.

Escuridão e dúvidas

O seu décimo terceiro, décimo quarto e décimo quinto parágrafos veem em seguida a ser considerados. “O testemunho do Espírito, (você diz) demonstra ser muito obstruído por esta doutrina”. Mas, meu querido senhor, a experiência de quem? Não é a sua própria; pois, no seu Diário, a partir de seu embarque para a Geórgia, ao seu retorno a Londres, você parece reconhecer que você não o tem, e, portanto, você não é juiz competente nesta matéria. Você deve querer dizer, então, a experiência de outros. Por que você diz no mesmo pará-grafo: “Mesmo aqueles que provaram desta boa dádiva, ainda em breve a perdiam novamente [eu suponho que você queira dizer, perdiam a percepção disso novamente], e caíram de volta para as dúvidas, e os medos e as trevas, mesmo terrível escuridão pôde ser sentida e etc.”.

Agora, quanto à escuridão da deserção, não foi esse o caso do próprio Jesus Cristo, depois de ter recebido a unção imensurável do Espírito Santo? Não esteve a Sua alma cheia de tristeza até a morte, no jardim? E Ele não foi rodeado de uma escuridão horrível, até mesmo uma escuridão que pôde ser sentida, quando na Cruz Ele clamou: “Meu Deus! Meu Deus! por que me desamparaste” (Mateus 27:46)? E que todos os Seus seguidores são passíveis ao mesmo, não é evidente a partir das Escrituras? “Porque”, diz o apóstolo: “naquilo que Ele mesmo, sendo

tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (Hebreus 2:18). E não é a sua suscetibilidade a isso consistente com a conformidade a Ele no sofrimento, que Seus membros devem suportar?

Por que então as pessoas caem em escuridão, depois de terem recebido o testemunho do Espírito, seria qualquer argumento contra a doutrina da eleição? “No entanto”, você diz, “muitos, muitíssimos daqueles que não a sustentam, em todas as partes da terra, têm desfrutado o testemunho ininterrupto do Espírito, a luz contínua da face de Deus, a partir do momento em que eles acreditaram, primeiramente, por muitos meses ou anos, até o dia de hoje”. Mas como é que o caro Sr. Wesley sabe disso? Será que ele consultou a experiên-cia de muitos, muitíssimos em todas as partes da terra? Ou ele pode ter certeza de que ele antecipou-se em fundamentos suficientes, seguiria que eles mantiveram esta luz porque não acreditaram na doutrina da eleição? Não, ela, de acordo com os sentimentos de nossa igreja “grandemente confirma e estabelece uma verdadeira fé Cristã da salvação eterna, por Cristo”, e é uma âncora de esperança, segura e firme, quando ele caminha nas trevas e não vê nenhuma luz, como certamente ocorre, mesmo depois de haver recebido o teste-munho do Espírito, seja o que for que você ou outros possam imprudentemente afirmar em contrário. Então, estimar a aliança eterna de Deus, e lançar-se sobre o distintivo livre amor daquele Deus que não muda, fará com que ele erga as mãos pendentes e fortaleça os joelhos enfraquecidos. Mas, sem a crença na doutrina da eleição, e na imutabilidade do amor gratuito de Deus, eu não consigo ver como é possível que alguém tenha uma garantia consoladora da salvação eterna.

O que isso poderia significar para um homem, cuja consciência está completamente des-pertada, e que é alertado a buscar livramento da ira vindoura, embora ele tenha certeza de que todos os seus pecados passados foram perdoados, e que ele é agora um filho de Deus, se, não obstante isso, ele venha a tornar-se um filho do Diabo, e ser lançado no inferno, por fim? Poderia tal garantia conceder qualquer consolo duradouro sólido para uma pessoa convencida da corrupção e da traição de seu próprio coração, e da malícia, astúcia e poder de Satanás? Não! Apenas o que merece o nome de uma plena segurança de fé, é uma tal garantia que encoraja o crente, sob o sentido de sua participação no amor distintivo, para desafiar a todos os seus adversários, sejam homens ou demônios, e que, com relação a destruição de todas as tentações futuras, bem como do presente, digam com o apóstolo:

“Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de

Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8:33-39).

Isto, meu querido senhor, é a linguagem triunfante de cada alma que atingiu uma plena certeza da fé. E essa garantia só pode surgir a partir de uma crença no eletivo amor eterno de Deus. Que muitos têm uma garantia de que eles estão em Cristo hoje, mas não se preocupam, ou não tem a certeza de que estarão nEle amanhã, ou melhor, por toda a eternidade, é mais a sua imperfeição e infelicidade do que seu privilégio. Eu oro a Deus para trazer todos esses a um sentimento de Seu amor eterno, para que eles já não possam mais edificar sobre a sua fidelidade, mas sobre a imutabilidade daquele Deus, cujos dons e vocação são sem arrependimento. Pois aqueles a quem Deus uma vez justificou, Ele também glorificará (Romanos 8:30).

Eu observei antes, caro senhor, que nem sempre é uma regra segura julgar a verdade dos princípios a partir da prática das pessoas. E, portanto, supondo que todos os que defendem a redenção universal em sua maneira de explicá-la, depois de terem recebido a fé, fruíram de visão contínua, ininterrupta da face de Deus, isso não quer dizer que este é um fruto do seu princípio. Pois esse, eu tenho certeza, apresenta uma tendência natural a manter a alma na escuridão para sempre, porque a criatura é assim ensinada, que a sua permanência no estado de salvação é devida ao seu próprio livre-arbítrio. E que alicerces de areia é este, sobre o qual uma pobre criatura constrói as suas esperanças de perseverança (Mateus 7:26-27)? Cada recaída no pecado, cada surpresa pela tentação, deve lançá-lo “em dúvidas e medos, na horrível escuridão, mesmo em trevas que se podem sentir”.

Por isso, é, que as cartas que têm sido ultimamente enviadas a mim por aqueles que sustentam a redenção universal, são mortas e sem vida, secas e inconsistentes, em comparação àquelas que eu recebo das pessoas do lado contrário. Aqueles que se estabeleceram no esquema universal, embora possam começar no Espírito (seja o que for que eles possam dizer do contrário), estão terminando na carne, e edificando uma justiça fundamentada em sua própria vontade, enquanto os outros triunfam na esperança da glória de Deus, e edificam sobre a promessa de

Deus que nunca falha, e amor imutável, mesmo quando Sua presença sensível é retirada deles.

Mas eu não julgaria a verdade da eleição pela experiência de qualquer pessoa em particular: se eu o fizesse (oh, suporte comigo esta loucura de jactância), eu acho que eu mesmo poderia gloriar-me na eleição. Pois nesses cinco ou seis anos, tenho recebido o testemunho do Espírito de Deus; desde que, bendito seja Deus, eu não duvidei por um quarto de hora de uma participação salvífica em Jesus Cristo; mas com tristeza e humilde vergonha eu re-conheço, eu tenho caído em pecado, muitas vezes, desde então. Embora eu não me atrevo licenciar a qualquer uma única transgressão, ainda assim, até agora eu não fui (nem espero, enquanto eu estiver neste mundo que jamais serei) capaz de viver um dia perfeitamente livre de todos os defeitos e pecados. E uma vez que as Escrituras declaram: “não há homem justo sobre a terra”, não, nem dentre aqueles que mais altamente cresceram na graça, “que faça o bem e não peque” (Eclesiastes 7:20), nós temos a certeza de que este será o caso de todos os filhos de Deus.

A experiência universal e o reconhecimento disto entre os piedosos de todos os tempos são abundantemente suficientes para refutar o erro daqueles que defendem, em sentido absoluto, que depois que um homem nasce de novo não pode cometer pecado, especialmente, uma vez que o Espírito Santo condena as pessoas que dizem que não pecam, como enganando a si mesmos, como sendo privadas da verdade, e como fazendo de Deus um mentiroso (1 João 1:8, 10). Eu também estive contristado por várias provações, e espero estar muitas vezes assim antes de morrer. Assim ocorreu com os próprios apóstolos e Cristãos primitivos. Assim foi com Lutero (1546), aquele homem de Deus, que, tanto quanto eu posso encontrar, não categoricamente, pelo menos, defendeu a eleição; e o grande John Arndt (1621), esteve em extrema perplexidade, apenas um quarto de hora antes de morrer, e ainda assim ele não era predestinariano. E se eu devo falar livremente, eu acredito que sua luta tão árdua contra a doutrina da eleição, e suplica tão veemente por uma perfeição sem pecado, estão entre as razões ou causas culpáveis, pelo que você está mantido fora das liberdades do Evangelho e, daquela plena segurança da fé que fruem aqueles que experimentalmente provaram, e diariamente alimentam-se do amor eterno, eletivo de Deus.

Mas, talvez, você possa dizer que Lutero e Arndt não eram Cristãos, pelo menos, dos mais fracos. Eu sei que você pensa mesquinamente de Abraão, embora ele fora eminentemente chamado de amigo de Deus, e, creio eu, também de Davi, o homem segundo o coração de Deus. Não é de admirar, portanto, que em uma carta que você me enviou uma vez,

há não muito tempo, [tenha escrito]: “que nenhum escritor Batista ou Presbiteriano que havia lido, sabiam algo sobre as liberdades em Cristo”. O quê! nem Bunyan (1688), Henry (1714), Flavel (1691), Halyburton (1712), nem os teólogos da Nova Inglaterra e Escócia? Veja, meu caro senhor, que espírito estreito e falta de caridade emergem de seus princípios, e então, também, não reclame mais contra a eleição por considerá-la sendo “destrutiva da mansidão e do amor”.

4. Há Milhares e Milhões de Homens sem Culpa Condenados ao Fogo Eterno?

Em quarto lugar, prosseguirei agora a outro tópico. Diz o caro Sr. Wesley: “Quão descon-fortável é este pensamento, que milhares e milhões de homens, sem qualquer ofensa pre-cedente ou culpa deles, foram imutavelmente condenados ao fogo eterno?”

Mas, quem alguma vez afirmou que milhares e milhões de homens, sem qualquer prece-dente ofensa ou culpa deles, foram imutavelmente condenados ao fogo eterno? Eles não acreditam que os homens condenados por Deus ao fogo eterno, também creem que Deus olhou para eles como homens caídos em Adão? E que o decreto que instituiu a punição, primeiro considerou o crime pelo qual foi merecida? Como, então, eles são condenados sem qualquer culpa anterior? Certamente o Sr. Wesley confessará a justiça de Deus, ao imputar o pecado de Adão à sua posteridade; e, também, que, depois que Adão caiu, e a sua posteridade nele (Romanos 5; 1 Coríntios 15), Deus poderia justamente ter passado por todos eles, sem enviar o Seu próprio Filho para ser um Salvador para qualquer um. A menos que você concorde plenamente com esses dois pontos, você não acredita no peca-do original corretamente. Se você os confessar, então você confessará a doutrina da eleição e reprovação sendo altamente justa e razoável. Porque, se Deus pode justamente imputar o pecado de Adão a todos, e depois passou por todos, então Ele pode justamente passar por alguns. Vire à direita ou à esquerda, você está reduzido a um dilema inextricável. E, se você fosse consistente, você deveria ou abandonar a doutrina da imputação do pecado de Adão, ou receber a amável doutrina da eleição, com uma santa e justa reprovação como sua consequente. Pois, se você pode acreditar ou não, a Palavra de Deus permanece fiel: “os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos” (Romanos 11:7).

Seu décimo sétimo parágrafo, página 16, eu passo por cima. O que foi dito no nono e déci-mo parágrafos, com uma pequena alteração, responderá a isso. Direi apenas: é a doutrina da eleição que mais me pressiona a abundar em boas obras. Estou disposto a sofrer todas as

coisas por causa dos eleitos. Isto me faz pregar com consolo, porque eu sei que a salvação não depende do livre-arbítrio do homem, mas o Senhor os torna dispostos no dia do Seu poder, e pode usar-me para trazer alguns eleitos para casa, quando e onde Ele se agradar. Mas,

5. Isto Subverterá a Totalidade da Religião Cristã?

Em quinto lugar, você diz: “Esta doutrina tem uma direta tendência manifesta para subverter toda a religião Cristã. Pois”, você diz, “supondo aquele eterno decreto imutável, uma parte da humanidade deve ser salva, embora a revelação Cristã não seja presente”.

Meios, não Causa e Efeito

Mas, querido senhor, como é que isto ocorre? Uma vez que é apenas pela revelação Cristã que somos familiarizados com o plano de salvação de Sua igreja pela morte de Seu Filho. Sim, é estabelecido na aliança eterna, que esta salvação deve ser aplicada aos eleitos através do conhecimento e da fé nEle. Como diz o profeta: “com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos” (Isaías 53:11). Como, então, a doutrina da eleição tem uma tendência direta para subverter toda a revelação Cristã? Quem alguma vez pensou que a declaração de Deus a Noé que o tempo de plantio e colheita nunca cessaria, poderia permitir um argumento para a negligência de lavar ou semear? Ou que o imutável propósito de Deus que a colheita não falharia tornou o calor do sol ou a influência dos corpos celestes desnecessário para produzi-la? Não mais o propósito absoluto de Deus de salvar Seus escolhidos exclui a necessidade da revelação do Evangelho, ou o uso de qualquer um dos meios através do qual Ele determinou que o decreto fosse efetuado. Nem o entendimento correto ou a crença reverente do decreto de Deus, jamais permitirá ou fará com que um Cristão, em qualquer circunstância, separe os meios do fim, ou o fim dos meios. E já que somos ensinados pela própria revelação, que isto [a pregação do Evangelho] foi concebido e dado por Deus como um meio de trazer para casa os Seus eleitos, nós, portanto, recebe-mos com alegria, o valorizamos grandemente, a usamos em fé e esforçamo-nos para espalha-lo por todo o mundo, em plena certeza que aonde quer que Deus o envie, mais cedo ou mais tarde, será salvificamente útil a todos os eleitos em sua chamada. Como, então, em sustentar esta doutrina, nos unimos com os incrédulos modernos em considerar a revelação Cristã desnecessária? Não, caro senhor, você errou. Infiéis de todos os tipos estão do seu lado da questão. Deístas, Arianos e Socinianos acusam a soberania de Deus, e apoiam a redenção universal. Peço a Deus, que o querido sermão do Sr. Wesley, como este tem entristecido o coração de

muitos dos filhos de Deus, não possa também fortalecer as mãos de muitos de Seus inimigos mais declarados! Aqui eu quase poderia deitar e chorar. “Não o noticieis em Gate, não o publiqueis nas ruas de Ascalom, para que não se alegrem as filhas dos filisteus, para que não saltem de contentamento as filhas dos incircuncisos” (2 Samuel 1:20)!

Romanos 9:13

Além disso, você diz: “Esta doutrina faz que a revelação em si mesma se contradiga”. Por exemplo, você diz: “Os defensores desta doutrina interpretam aquele texto da Escritura: “Amei a Jacó, mas odiei a Esaú” (Romanos 9:13), como indicando que Deus, num sentido literal, odiou a Esaú e todos os réprobos desde a eternidade! E, quando considerados como caídos em Adão, não eram objetos de Seu ódio? E Deus não pode, de Sua própria boa vontade, amar ou demonstrar misericórdia a Jacó e aos eleitos, e ainda, ao mesmo tempo não fazer nada errado ao réprobo? Mas você diz: “Deus é amor”. E Deus não pode ser amor, a menos que Ele demonstre a mesma misericórdia a todos?”

Romanos 9:15

Mais uma vez, diz o querido Sr. Wesley: “Eles inferem daquele texto: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia” (Romanos 9:15), que Deus é misericordioso apenas para alguns homens, a saber, os eleitos; e que Ele apenas tem misericórdia para aqueles, ao contrário do que é categoricamente todo o teor da Escritura, como é esta expressa declaração, em especial: “O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obra” (Salmos 145:9).

E assim é, mas não a Sua misericórdia salvífica. Deus é amor para todos os homens: Ele envia a Sua chuva sobre o mal e sobre o bom. Mas você diz: “Deus não faz acepção de pessoas”. Não! Pois cada um, seja judeu ou gentio, que crê em Jesus, e pratica a justiça, é aceito por Ele: “mas quem não crê já está condenado” (João 3:18). Porque Deus não faz acepção de pessoas, em relação a qualquer condição externa ou circunstância de vida que seja; nem a doutrina da eleição no mínimo supõe que Ele seja assim. Mas, como o Senhor soberano sobre tudo, Aquele que não é devedor de ninguém, Ele tem o direito de fazer o que quer com o que é Seu, e dispensar Seus favores para com os objetos que Ele escolhe, apenas por Sua vontade. E o Seu supremo direito é clara e fortemente afirmado aqui nestas passagens da Escritura, onde Ele diz: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, me compadecerei de quem eu me compadecer” (Romanos 9:15, Êxodo 33:19).

Além disso, você nos representa como inferindo do texto: “Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o

propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: O maior servirá ao menor” (Romanos 9:11-12); que a nossa predestinação para a vida de nenhuma maneira depende da presciência de Deus. Mas quem infere isso, caro senhor? Pois se a presciência significa aprovação, como acontece em várias partes da Escritura, então nós confessamos que predestinação e eleição de fato dependem da presciência de Deus. Mas se por presciência de Deus, você entende a previsão de algumas boas obras de Deus feitas por Suas criaturas como o fundamento ou razão de escolhê-las, e, portanto, de elegê-las, então nós dizemos que, neste sentido, a predestinação não depende de maneira nenhuma da presciência de Deus. Mas eu encaminho você, no início desta carta, ao *Veritas Redux* do Dr. Edwards, que eu lhe recomendei em uma carta recente, com Elisha Coles (1688) sobre a *Soberania de Deus*. Agrade-se em ler estes, e também os excelentes sermões do Sr. Cooper de Boston em Nova Inglaterra, que eu também lhe envio, e eu não duvido, senão que você verá todas as suas objeções respondidas. Todavia, eu gostaria de observar que, depois de toda a nossa leitura em ambos os lados da questão, nunca nesta vida seremos capazes de investigar os decretos de Deus em perfeição. Não, antes deve-mos humildemente adorar o que não podemos compreender, e com o grande apóstolo no final de nossas investigações clamar: “Ó profundidade, etc.”, ou com o nosso Senhor, quando Ele estava admirando a soberania de Deus: “Sim, ó Pai, porque assim te aprouve” (Romanos 11:33; Mateus 11:26).

Ninguém condenado?

No entanto, não pode ser deixado de tomar conhecimento, de que, se estes textos: “O Senhor [...] não querendo que alguns se percam” (2 Pedro 3:9), “Porque não tenho prazer na morte do que morre” (Ezequiel 18:32, veja também 33:11), e tais semelhantes, forem considerados em seu sentido estrito, então, ninguém será condenado. Mas aqui está a distinção. Deus não tem nenhum prazer na morte do pecador, de modo a deleitar-se simplesmente em sua morte; mas Ele tem prazer em magnificar a Sua justiça, ao infligir o castigo que suas iniquidades têm merecido. Como um justo juiz, que não tem prazer em condenar um criminoso, ainda pode, com justiça lhe ordenar a ser executado, para que a lei e a justiça sejam satisfeitas, mesmo que esteja em seu poder conceder-lhe um indulto.

Reprovação sobre Deus

Gostaria de ir mais longe e sugerir que você injustamente acusa a doutrina da reprovação de blasfêmia, ao passo que a doutrina da redenção universal, como você a expressa, é realmente a maior

reprovação sobre a dignidade do Filho de Deus e o mérito do Seu sangue. Considere se não é um tanto blasfemo dizer como você o faz: “Cristo não somente morreu por aqueles que são salvos, mas também por aqueles que perecem”. O texto que você mal aplicou para comentar isso, veja explicado por Ridgely, Edwards, Henry e eu propositalmente omito responder seus textos eu mesmo, para que você possa ser conduzido a ler esses tratados, que, abaixo de Deus, lhe anunciarão o seu erro. Você não pode tornar boa a afirmação: “Que Cristo morreu por aqueles que perecem”, sem sustentar (como Peter Bohler, um dos irmãos da Morávia, a fim de compreender a redenção universal, recentemente francamente confessou em uma carta), “que todas as almas condenadas, futura-mente serão retiradas do inferno”. Eu não posso pensar que o Sr. Wesley está assim inclinado. E, no entanto, sem que isto possa ser provado, esta redenção universal, considerada no sentido literal, cai totalmente por terra. Pois, como podem todos ser universalmente resgatados, se todos não são finalmente salvos?

Livre Graça ou Livre-Arbitrio

Prezado senhor, pelo amor de Jesus Cristo, considere como você desonra a Deus, negando a eleição. Você claramente faz a salvação depender não somente da livre graça de Deus, mas do livre-arbitrio do homem; e se assim, isto é mais do que provável, Jesus Cristo não teria tido a satisfação de ver o fruto de Sua morte na salvação eterna de uma alma. A nossa pregação seria, então, vã, e todos os convites para as pessoas crerem nEle também seriam em vão. Mas, bendito seja Deus, nosso Senhor sabia por quem Ele morreu. Houve um Pacto eterno entre o Pai e o Filho. Um determinado número foi nessa ocasião dado a Ele, como a compra e recompensa de Sua obediência e morte. Por estes Ele orou (João 17), e não pelo mundo. Por estes, e estes somente, Ele agora está intercedendo, e com a salvação deles, Ele estará plenamente satisfeito.

Eu propositalmente omiti fazer quaisquer observações particulares sobre as várias últimas páginas de seu sermão. Na verdade, não tinham o seu nome, caro senhor, estando prefixa-dos ao sermão, eu não poderia ter sido tão desamoroso a ponto de pensar que você foi o autor de tal sofisma. Você suplica o questionamento, dizendo: “Que Deus declarou [se bem que para você próprio, eu suponho, alguns serão condenados] que Ele salvará a todos”, ou seja, cada pessoa individualmente. Você toma isto por garantido (pois, você não tem nenhuma prova sólida) que Deus é injusto, se Ele passa por alguém, e então você exclama contra o decreto horrível. E, ainda assim, como antes eu sugeri, ao manter a doutrina do pecado original, você professa crer que Ele poderia justamente ter passado por todos.

Querido, caro senhor, oh, não se ofenda! Por amor de Cristo não seja imprudente! Dê-se à leitura. Estude o pacto da graça. Rebaixe o seu raciocínio carnal. Seja uma pequena cri-ança; e então, em vez de penhorar a sua salvação, como você fez em um hinário recente, se a doutrina da redenção universal não for verdadeira; em vez de falar de perfeição sem pecado, como você fez no prefácio daquele livro de hinos, e fazendo com que a salvação do homem dependa de seu próprio livre-arbítrio, como você o fez neste sermão; você com-porá um hino em louvor ao distintivo amor soberano. Você alertará os fiéis contra esforços para operar uma perfeição fora de seus próprios corações, e imprimirá outro sermão inverso àquele, e o intitulará deveras: a livre graça. Livre, não porque gratuita a todos; mas livre, porque Deus pode retê-la ou concedê-la a quem e quando Lhe aprouver.

Até que você faça isso, eu tenho que duvidar se você conhece ou não a si mesmo. Entre-tanto, não posso senão culpa-lo por censurar o clero de nossa igreja por não manter os seus artigos, quando você mesmo por seus princípios, nega positivamente o nono, décimo e décimo sétimo. Caro senhor, essas coisas não deveriam ser assim.

Deus conhece o meu coração; como eu lhe disse antes, assim eu declaro novamente, nada além de unicamente considerar a honra de Cristo obrigou esta minha carta. Eu amo você e o honro por causa dEle; e quando eu vier a juízo agradecerei diante dos homens e dos anjos, pelo que você tem feito, abaixo de Deus, à minha alma. Não, eu estou persuadido, o verei, caro Sr. Wesley, convencido da eleição e do amor eterno. E muitas vezes me enche de deleite, pensar como eu o verei lançando sua coroa aos pés do Cordeiro, e como isto será cheio de um santo corar por se opor à soberania Divina na forma que você o fez.

Mas eu espero que o Senhor lhe mostrará isso antes que você se vá daqui. Oh, como eu anelo por esse dia! Se o Senhor se agradasse em fazer uso desta carta para essa finali-dade, seria abundantemente alegre o coração, querido e honrado senhor, do seu afeiçoado, embora indigno, irmão e servo em Cristo,—*George Whitefield*; Bethesda, em Geórgia, 24 de dezembro de 1740.

